



MESA REDONDA
TURISMO NA ILHA DE SANTIAGO
Santa Cruz • 2 de Junho de 2017



RELATÓRIO



Mestra de Cerimónias



Laura Soares

Relatores



Domingos
Ramos Cardoso



Jair Cabral



Armando Ferreira

Fotos

Edmilson Barros;
Harrison Pina;
Zezy Nouro

Fontes

Discursos de Entidades
Apresentações dos Oradores
Intervenções dos Moderadores
Debates
Contactos com participantes

Organização

Direção Geral de Turismo e Transportes/MEE
em colaboração com
Câmara de Turismo de Cabo Verde
e Associação Nacional de Municípios



ÍNDICE



NOTA CONCEPTUAL	5
SESSÃO DE ABERTURA.....	11
APRESENTAÇÕES manhã.....	14
DEBATES manhã.....	19
APRESENTAÇÕES tarde.....	23
DEBATES tarde	27
CONCLUSÕES/RECOMENDAÇÕES.....	33
INTERVENIENTES NOS DEBATES.....	36



NOTA CONCEPTUAL



MESA REDONDA TURISMO NA ILHA DE SANTIAGO

NOTA CONCEPTUAL

1. Enquadramento

As organizações mundiais ligadas ao sector, a OMT e a WTTC, colocam Cabo Verde entre os 10 países a nível mundial a serem mais visitados nos próximos 10 anos, o que constitui um mundo de oportunidades, desafios, mas também de riscos para o país.

O sector das viagens e turismo é hoje considerado a maior indústria do planeta, seja a nível de volume de negócios, seja a nível do emprego. Prevê-se igualmente que venha a ser das indústrias com maior potencial de crescimento a nível global, tendo em conta a apetência revelada para viajar e fazer férias pelas novas classes médias saídas da pobreza graças à globalização.

É já consensual que o Turismo deverá ser o pilar do desenvolvimento económico de Cabo Verde, e neste momento todas as ilhas e concelhos do país ambicionam ter o seu quinhão desta atividade transversal que arrasta toda a economia.

O Ministério da Economia e Emprego está ciente de que Cabo Verde se encontra num momento crítico de expansão do turismo, colocando enormes questionamentos quanto ao tipo de turismo a escolher, como fazer a preservação do património construído e imaterial, a preservação da própria identidade nacional, a gestão dos fluxos migratórios internos e vindos do exterior, etc., etc. Em suma, são muitos os desafios para que o país possa beneficiar de um turismo sustentável que prime sobretudo por um equilibrado e inclusivo desenvolvimento do mesmo e da sociedade cabo-verdiana, legando às gerações vindouras um país próspero e com futuro assegurado.

Tendo em conta a transversalidade económica, social e ambiental do fenómeno turístico, este não poderá ser sustentável nem rentável sem a participação de todos, como mostram as experiências noutros destinos turísticos já consolidados.

Um dos principais objetivos, *inter alia* destas mesas redondas é auscultar e conhecer melhor as oportunidades e os desafios que se impõem num ambiente de diálogo aberto entre todos os interessados em cada um dos segmentos do turismo em Cabo Verde, visando contribuir com



subsídios concretos para posterior elaboração do plano estratégico do turismo sustentável para Cabo Verde com o horizonte 2030.

Nos dias 30 e 31 de janeiro 2017 realizou-se em Sal-Rei, Boa Vista a primeira mesa redonda do turismo dedicada ao segmento sol e praia, seguindo-se outra com enfoque no segmento do turismo rural e de natureza em Porto Novo, Santo Antão nos dias 24 e 25 de fevereiro, posteriormente na cidade do Mindelo, São Vicente nos dias 30 e 31 de março dedicada ao segmento do turismo urbano, cultural e náutico.

Chegou agora a vez da ilha de Santiago, receber uma mesa redonda de âmbito regional dedicada aos segmentos de turismo urbano, rural e da natureza, histórico, cultural, náutico e de negócios com enfoque na ilha de Santiago.

Por que Santiago como Palco da Mesa Redonda?

A ilha de Santiago, a maior e a mais populosa do país, apresenta características peculiares presente na história, cultura, paisagens, gastronomia e diversidade natural, enriquecendo o seu potencial turístico nas estratégias de marketing, posicionando-se como a ilha da essência.

Considerada como berço da cabo-verdianidade, alberga a história das ruínas da primeira Cidade de Cabo Verde a “Cidade Velha”, atual Ribeira Grande de Santiago, classificada como Património Mundial da Humanidade e a cidade da Praia, a Capital do país, simbolizando como um exemplo típico de como Santiago é única ilha em termos de posicionamento e segmento de Turismo Urbano e Cultural, Turismo de cruzeiro, Náuticos, Negócios, Rural e da Natureza, visível em 09 (nove) municípios que o constituem, nas suas praias, baías e enseadas, vales e montanhas, belíssimas paisagens e hospitalidade da sua gente.

A ilha beneficia de grandes infraestruturas de apoio ao seu desenvolvimento turístico, com destaque para aeroporto, porto, estradas, estabelecimentos hoteleiros etc., etc. Estes atrativos de grande interesse turístico têm aumentado a procura turística que ronda os 11.2% dos turistas entrados no país e 3,2% das dormidas, e detêm cerca de cinquenta (50) estabelecimentos hoteleiros.

A previsão para o aumento do fluxo turístico é expectante, na medida em que o país espera atingir em 2017 aproximadamente os 800 mil turistas.



Com o alto patrocínio do Governo e, através do Ministério da Economia e Emprego em parceria com a Câmara Municipal de Santa Cruz, a Câmara do Turismo de Cabo Verde e Associação dos Municípios de Santiago realiza-se a Mesa Redonda “ **Turismo na Ilha de Santiago**” com o intuito de analisar com as Câmaras Municipais, Instituições ligadas ao Turismo, investidores, operadores e publico em geral, propostas de solução para o desenvolvimento futuro, especialmente ao nível das infraestruturas, do planeamento, requalificação e reabilitação urbanas, da segurança, dos cuidados de saúde, da energia, água e saneamento e da educação e formação.

2. Objectivos

A Mesa Redonda visa alcançar os seguintes três objetivos:

1. Analisar as oportunidades e os desafios no desenvolvimento do Turismo Urbano, Cultural, Rural, Da Natureza, Náutico e Negócios em Santiago, visando chegar ao consenso sobre um modelo de análise SWOT do mesmo;
2. Identificar e propor medidas de melhorias nas respostas do sector público (Governo e Municípios) no desenvolvimento em toda a cadeia de valor desses segmentos de turismo;
3. Identificar e propor medidas de melhorias nas respostas do sector privado no desenvolvimento em toda a cadeia de valor do turismo urbano, cultural, rural e da natureza e náutico.

3. Resultados esperados:

A organização da Mesa Redonda espera alcançar os seguintes resultados:

- Recolher *inputs* da real situação de desenvolvimento do turismo urbano, cultural, rural e da natureza, náutico ao nível da ilha de Santiago e gizar medidas de natureza pública de forma mais sistematizada e melhor partilhadas;
- Definir um quadro das necessidades visando melhorar a intervenção pública para fazer face ao desenvolvimento do turismo urbano, cultural, rural e da natureza, náutico e de negócios a nível regional;
- Definir um quadro de compromisso entre os ‘*stakeholders*’, abarcando os principais desafios de desenvolvimento de curto e médio prazo do turismo urbano, cultural e náutico em Santiago.



- Encontrar o ponto de equilíbrio na relação do turismo com o meio ambiente e com o património histórico material e imaterial, de modo que a atratividade dos recursos naturais e patrimoniais não sejam a causa da sua degradação a nível regional e do país.

4. Organização, metodologia e temática:

A Mesa redonda será organizada em 2 painéis temáticos a saber:

PAINEL 1: TURISMO RURAL E DA NATUREZA EM SANTIAGO

PAINEL 2: TURISMO URBANO, HISTÓRICO-CULTURAL E DE NEGÓCIOS

Os temas serão introduzidos e debatidos, todos em sessões plenárias.

5. Local e data

Município de Santa Cruz – Ilha de Santiago

Local: Hotel Palm Beach – 02 de junho de 2017

Cidade da Praia, 25 de maio de 2017

Carlos Jorge dos ANJOS

DGTT





SESSÃO DE ABERTURA



Carlos Alberto Silva, Presidente da Câmara de Santa Cruz

- Santa Cruz é a capital da banana e do funaná.
- Está adiantada a instalação de um centro interpretativo em Santa Cruz.
- Santa Cruz está vocacionada para o desporto náutico e a partir do seu porto estão a preparar-se rotas de transporte diário marítimo para o Maio e Boa Vista e também para Fogo e Brava.
- As grandes preocupações da autarquia são o crescimento do emprego e a redução da pobreza.
- Será instalada em Porto Madeira uma escola de negócios com valência para o turismo rural.
- Música, gastronomia, festas e romarias, as praias e as gentes, são outros tantos trunfos para atrair turismo a Santa Cruz.



Clemente Garcia, Presidente da Associação de Municípios de Santiago

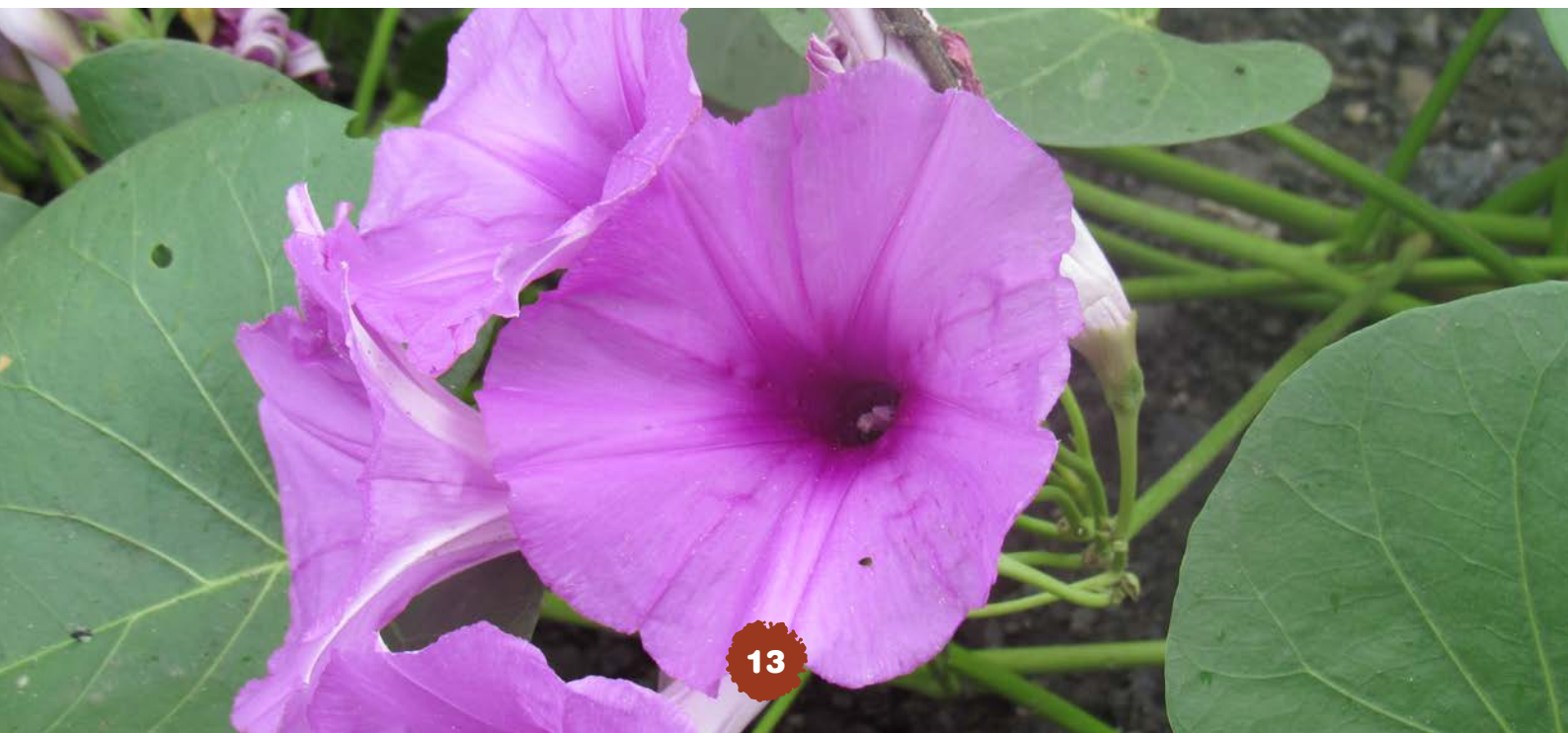
- Falando pelas autarquias de Santiago em geral, referiu-se aos principais *inputs* a ter em conta no desenvolvimento do turismo com sustentabilidade.
- É preciso diversificar, alavancar, criar modelos próprios de resposta às tendências da procura, trabalhar as marcas locais.





José Gonçalves, Ministro da Economia e Emprego

- Definiu as mesas redondas em curso como conversas partilhadas.
- Resumiu as que ocorreram na Boa Vista, em Santo Antão e em S. Vicente, nas quais foram abordados temas globais (turismo "sol e mar" na Boa Vista, turismo rural e de natureza em Santo Antão, turismo urbano, cultural e náutico em S. Vicente).
- Esta mesa redonda em Santiago é já de cunho mais localizado e regional, e seguir-se-ão ainda mais três: no Fogo, abordando a realidade de Fogo e Brava, no próximo dia 26; em S. Nicolau, em inícios de julho; e no Maio, em 14 de julho.
- O que se pretende com todas estas abordagens e debates de proximidade é dar oportunidade a todos os cidadãos de se pronunciarem sobre esta atividade transversal, para que o turismo se torne inclusivo e gere valor acrescentado para todos.
- Como primeiro e importante resultado, teremos o registo de todo este debate alargado, do qual resultará um Plano Estratégico a ser apresentado nas suas linhas mestras no Dia Mundial do Turismo (27 de setembro), e de seguida concluído na linha das recomendações da ONU, que pedem um planeamento a longo prazo (2030), acompanhado de planos sucessivos a médio prazo (3 anos), que atualizarão o grande plano numa perspetiva de navegação mais próxima, e de planos anuais de concretização efetiva.
- Falou da necessidade de renovar e aprofundar o *branding* do destino global Cabo Verde e dos destinos mais localizados, à dimensão de cada ilha ou conjunto de ilhas e de cada um dos 22 territórios municipais.
- Falou da discriminação positiva que é necessário fazer dos territórios com menos recursos, valendo-nos do produto da taxa turística, entre outros recursos a gerar, por exemplo alargando os fundos de turismo e sustentabilidade via bolsa de valores ou recorrendo a capital público de risco.
- Falou da segurança turística exemplificando com o projeto Cidade Segura já em curso.
- Reiterou a necessidade de completar o quadro organizativo do Turismo no país, estando em curso a constituição do Instituto de Turismo e de Sociedades de Desenvolvimento (regionais ou de turismo).
- Falou de incubadoras de empreendedorismo jovem e de uma janela única de agilização para a constituição e gestão administrativa de empresas.





**APRESENTAÇÕES
manhã**



PAINEL 1: Turismo Rural e da Natureza em Santiago

Moderador: Daniel Medina



João Cardoso

ÁREAS PROTEGIDAS TERRESTRES: CONSERVAÇÃO AMBIENTAL, TURISMO RURAL E POPULAÇÃO LOCAL

RESUMO

- Unidades de Conservação da Natureza;
- Novas modalidades de territorialização do Turismo;
- Planeamento contínuo, flexível e integrado;
- Conciliar conservação ambiental com usufruto pelos turistas;
- Desenvolvimento sustentável, durável, equitativo, distribuidor de riqueza, garantindo qualidade de vida e riqueza às populações;
- Há que conseguir antes de mais um amplo consenso de base, garantindo que o Turismo é inclusivo;
- As populações devem assumir a responsabilidade do seu futuro e do seu enquadramento natural e cultural;
- A diversidade das ilhas gera diferentes potencialidades e, concomitantemente, pluriatividade;
- Cada ilha é um produto em si mesma, mas em conjunto constituem uma marca, desde logo diferenciada do território continental;
- Transformar desvantagens aparentes em vantagens competitivas;
- Os recursos naturais, paisagísticos e culturais são em cada ilha um potencial de criação de emprego;
- O desenvolvimento local assenta em 2 pilares estruturais: subsidiariedade e partilha. Todos os atores são chamados a fazerem parte solidária da procura das metas de sustentabilidade do Turismo;
- Do mesmo modo, todas as atividades são transversalmente chamadas a construir um turismo sustentável (agricultura, agronegócios, comércio, pesca, artesanato, etc.);
- O Turismo em Cabo Verde é um projeto comum em que todos devemos procurar (i) gerar um turismo diferenciado e complementar; (ii) valorizar os recursos locais de pequena escala; (iii) basear o desenvolvimento sustentável da ilha na criação e qualificação de pequenas empresas, complementares e criadoras de emprego local.





José Luís Mascarenhas Monteiro

O DESAFIO DA EDIFICAÇÃO DE UM DESTINO SUSTENTÁVEL

RESUMO

- Definição de TURISMO SUSTENTÁVEL:... benefícios devem superar custos.
- Regras de ouro para uma edificação sustentável... qualidade como pontos de partida e de chegada...
- Assente nos seus 3 pilares (ecológico, social e económico) a sustentabilidade do Turismo implica que seja suportável, viável e equitativo.
- Os 17 objetivos da ONU para o desenvolvimento sustentável em 2030.
- O valor estratégico dos recursos territoriais afere-se pelo grau de capacitação combinado com o grau de atratividade.
- Os 10 fatores determinantes da competitividade-país: do micro ao macro, aproveitamento de todos os recursos, conhecimento, formação, tecnologia, inovação, valor acrescentado, planificação, integração;
- Capacitação endógena,
- Do acaso à governança planificada...
- Sustentabilidade sociocultural: satisfazer as necessidades do turismo (natureza, jogo, comunicação, mudança...)
- Os desafios político-institucionais: do que somos ao que podemos e ao que queremos ser...
 - Planeamento;
 - Integração;
 - Funcionalidades;
 - Instrumentos;
 - Regulação;
 - Promoção.
- *Clusters* do Turismo (energias, mar, agronegócios, aeronegócios, indústrias criativas, tecnologias digitais, finança).
- Evolução da procura (entradas e dormidas) de 1990 (21.695 turistas) a 2016 (644.429 turistas).
- Problemas do Turismo em Cabo Verde, com acento tónico na falta de diversificação (de produto, de atores, de investimento, de financiamento...).
- Resumo SWOT: um país, 10 destinos (forte); falta de planeamento (fraco); destino quase virgem (oportunidade); fraqueza institucional (ameaça).
- Santiago tem um potencial elevado para o turismo, cobrindo o maior leque de oferta virtual em todo o país (arquitetónica, natural, climática, histórica, cultural, paisagística, gastronómica, artística, sociológica...).
- Propostas de organização de oferta: balnear, natureza, ecológica, montanha, rural, desportiva, religiosa, saúde, idosos, *city-breaks*, negócios, cultura, gastronomia, música, arte, ribeiras, rota dos escravos, rota de Darwin...
- Contradição entre políticas recomendadas de sustentabilidade e uma *praxis* de políticas de insustentabilidade, mormente nos países em desenvolvimento.
- JLMM propugna a defesa incondicional do interesse nacional e da comunidade local contra as políticas "boas" e as instituições "fortes" que lhe são "impingidas" de fora, mesmo que isso se faça "através da edificação de um novo sistema institucional/atores".
- E conclui afirmando que só uma oferta estruturada dos produtos tradicionais e dos novos, "com o Homem Cabo-verdiano na primeira fila" e, no caso de Santiago, em efetiva complementaridade estratégica entre os 9 concelhos, a ilha deixará de ser um destino adiado.





Jorge Revez/Armando Ferreira

REDES LOCAIS PARA A PROMOÇÃO DO TURISMO SUSTENTÁVEL E INCLUSIVO

- Os números do Turismo não param de crescer:
 - Em 2016, 1.235 milhões de turistas, um crescimento de 3,9% relativamente a 2015;
 - Importante fonte de receitas, de emprego e de redução da pobreza;
 - Catalisador de sustentabilidade do desenvolvimento;
 - Gerador de dinâmicas económicas, sociais, culturais e ambientais;
 - Promove a ecologia, os micro negócios, o microcrédito, a arte, a paisagem, a biodiversidade, o clima...
- Cabo Verde atingiu em 2016 os 644.429 turistas, que consumiram 4,1 milhões de dormidas (INE). Mas a maioria absoluta dos turistas fica-se pelo Sal e pela Boa Vista, ficando as restantes ilhas quase arredadas da cadeia de valor do turismo;
- Os 12 objetivos do Turismo Sustentável (ONU).
- Janela de oportunidades para o turismo de natureza:
 - O intercâmbio de turistas com as populações gera cultura, conhecimento e tolerância e incentiva a inovação, a interculturalidade, a autoestima, a consciência identitária...
 - Engendra negócio, riqueza para as famílias e comunidades locais, empreendedorismo, emprego, investimento;
 - Fixa população;
 - Agrega atividades da economia (agricultura, agroindústria, indústrias criativas, pesca, comércio...);
 - Desenvolve a pluriatividade;
 - Estrutura maturidade territorial.
- O que busca o Projeto Raízes:
 - Desenvolver, com as entidades e população local, o património histórico, cultural, natural e paisagístico com estratégias de regeneração, valorização e dinamização de ativos patrimoniais (áreas protegidas), património histórico-cultural e construído, paisagens, festas populares, artesanato, produtos locais...
- Contributos para o Turismo Sustentável:
 - Diversificar a oferta turística;
 - Criar novas dinâmicas de base comunitária e local;
 - Envolvimento das comunidades de zonas remotas;
 - Auscultação das populações;
 - Sinalização de rotas;
 - Instalação de centros interpretativos;
 - Organização de eventos informativos, formativos e de animação;
 - Sensibilização para melhoria de atitudes;
 - Proteção do ambiente;
 - Igualdade de género;
 - Cooperativismo;
 - Saúde pública.
- Valorização de recursos endógenos:
 - Novos atrativos;
 - Qualificação e promoção;
 - Tirar ilações dos Inventários de Recursos Turísticos.
- Capacitação de Recursos Humanos:
 - Reforço das Organizações da Sociedade Civil;
 - Qualificação das micro-empresas;





- Envolvimento/apropriação;
- Curso de Agentes de Desenvolvimento Regional;
- Cursos de Formação Profissional;
- Doutoramento em Turismo.
- Grupos-alvo:
 - Associações, artesãos, empresários, jovens, mulheres, estudantes, licenciados, professores, técnicos privados e da administração pública.
- Metodologia de Intervenção:
 - Participação, parcerias (locais, nacionais, internacionais), investigação, ação, resultados;
- Estratégia:
 - Inovação nos produtos, criatividade nos processos, conhecimento e monitorização contínuos, foco nas especificidades diferenciadoras, desenvolvimento de um processo de aposta num território seguro, tranquilo, único e acolhedor.
- Visão:
 - Posicionar cada um dos municípios de Santiago como um território com identidade, sustentável, inclusivo, capacitador e valorizador dos seus ativos;
 - Acessibilidade e atratividade, proporcionando experiências de boa memória, qualidade, futuro, sustentabilidade...

Fernando Olende

PODE SANTIAGO COMPETIR NESSE DOMÍNIO? E A QUE CUSTOS, OPORTUNIDADES E DESAFIOS

- Objetivos:
 - Auscultar, elaborar um plano e propor medidas.
- Plano(s) de *marketing*:
 - Recuperar crescimento
 - Estimular visitas alavancando notoriedade;
 - Promover consensos;
 - Melhorar competitividade.
- Metodologia:
 - Estudos de estatísticas e documentos;
 - Inquéritos e elaboração do perfil dos clientes dos mercados de origem;
 - Fatores de atração e apelo ao destino.
- Análise da concorrência:
 - Critérios na definição da concorrência (produto, distância, preço, clima).
- Ponto da situação:
 - Sol e mar são os mais apreciados;
 - Informação, monumentos, comércio, ordenamento territorial, os mais criticados;
 - As reservas são feitas pela cadeia de distribuição;
 - 90% declaram-se satisfeitos, querem repetir, e recomendam.
- Potencial para turismo rural e de natureza é grande, mas concretização do produto quase nula
- Premissas para empreendedorismo:
 - Posse de recursos financeiros;
 - Experiência de outras paragens;
 - Conhecimento da área;
 - Informação;
 - Estudo de planos e políticas traçados.
- Dados de percursos pedestres em Santo Antão e de frequência de turistas na ilha.
- Algumas hipóteses de circuitos em Santiago.





DEBATES manhã



Jacinto Santos (*Consultor*)

Os ODS são os territórios. Isto é, como localizar o desenvolvimento. Só isso é suficiente para questionarmos as metodologias de trabalho. Portanto, este foco não é compatível com a abordagem setorial. É uma abordagem por produto. O problema que se coloca hoje, é como fazer convergir. Com que engenharias institucionais? Fazer convergir as várias dimensões do desenvolvimento e fazê-las chegar de uma forma integrada aos territórios. Isso implica uma abordagem plural. Portanto, não há um modelo uniforme para o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde. Aqui pergunta-se: que espaço têm as ilhas de Cabo Verde para definir o seu próprio modelo de desenvolvimento? Segundo aspeto tem que ver com o tema: o turismo na ilha de Santiago. Aí é que vai ser o problema. Acho que o turismo não é o elemento central para o desenvolvimento da ilha de Santiago. O problema de Santiago resolve-se com a industrialização da agricultura.

Nunca durante os 541 anos da existência de Cabo Verde tivemos tanta água armazenada para agricultura como temos agora. Mas temos uma realidade em que os pequenos agricultores não conseguem produzir para manter a sua própria alimentação (dados estatísticos do ano passado). 30% dos rendimentos das famílias rurais destinam-se à aquisição dos alimentos. O foco é o mar, sobretudo (a partir d) o interior da ilha de Santiago.

O espaço/território para uma política de industrialização. O turismo vem por acréscimo. Não é o turismo que vai alavancar o desenvolvimento do interior da ilha de Santiago. Se laborarmos nessa insistência é um erro. Temos de industrializar para abastecer o mercado.

É uma utopia pensar os caminhos vicinais.

Mizá (*Artista Plástica*)

Temos de trabalhar com artistas e criadores que têm a amabilidade da linguagem da natureza humana. Turista tem de saber algo de nós. Temos a nossa literatura que podemos traduzir para inglês, francês e alemão. Fiz dos meus 20 anos em Cabo Verde na localidade de Porto Madeira e na comunidade dos Rabelados de Espinho Branco, uma potencialidade turística. Um turismo perto da população que cresce com a cultura e cultiva a dimensão humana e da troca.

Arlindo Mendes (*Professor Reformado*)

Em relação ao turismo é preciso equacionar a questão a montante. Seria, do meu ponto de vista, contraditório encontrar-se pessoas na bicha para encontrar um balde água para os seus filhos poderem ir para a escola. Em caso concreto aqui já tivemos penúria de água por uma semana. Meus amigos, um turista não entende isso. É preciso que se tenha em conta esse aspeto. Um outro aspeto que devemos ter em conta é o nosso serviço de saúde. As demoras nos hospitais não combinam com o turismo.

Manuel Leão de Carvalho (*Direção Nacional do Ambiente*)

A minha primeira questão tem que ver com os conflitos que eventualmente existem entre as comunidades locais e as áreas protegidas. Em segundo lugar os males do planeamento estratégico. Em terceiro lugar a questão das ZDTIs. São inimigas dos desenvolvimentos locais. Quanto ao conflito. A gestão do ambiente é a gestão do conflito. Os conflitos são salutares. Temos de gerir os conflitos para evitar que evoluam para rutura. Quando criamos o perímetro florestal numa área protegida, vendo as comunidades, esses perímetros florestais há séculos, temos de internalizar os custos da oportunidade para as comunidades com a criação dessas áreas. Isto é, internalizar os custos da oportunidade nos instrumentos da gestão das áreas. Segundo, alinhar os interesses das comunidades com os interesses da conservação. Assim teremos a gestão das áreas protegidas sem problemas e também os aspetos de âmbito económico das comunidades sem problemas. Segundo aspeto. O planeamento estratégico praticamente está sendo coordenado a nível internacional. O planeamento estratégico peca por duas coisas: pelo foco e escala. Foco porque aposta nos objetivos de longo prazo. Estamos a falar de 2017/2030 e esquece-se que o mundo está a mudar de uma forma tão rápida que é impossível prever o que vai acontecer daqui a 15 ou 20 anos. Deve-se apostar nos processos em vez dos objetivos, deve apostar não só nos *stakeholders*. Assistimos a que os objetivos do milénio não funcionaram. Agora, as Nações Unidas, não sei porquê que teimosamente a projetar os objetivos do Turismo Sustentável estribado no planeamento estratégico. Um outro erro, aliás o Dr. Jacinto Santos fez uma pequena referência a isso. ZDTIs na ilha da Boa Vista e Sal são grandes inimigos do desenvolvimento local em matéria de turismo. É uma territorialização do turismo errada. É um turismo sem identidade. Nós das áreas



protegidas estamos aqui. Vamos aproveitar essa oportunidade para os turistas irem às comunidades. Trazendo um turismo que traga os benefícios às comunidades locais. Com ecoturismo, integrando as comunidades.

Orlando Mascarenhas

Estou de acordo com as questões levantadas pelo Dr. Jacinto Santos sobre a industrialização da agricultura aqui em Santiago. Mas eu penso que o turismo é uma atividade que tem que ser implementada. As ilhas do sul têm características bastante boas para o desenvolvimento do turismo e numa projeção que se fez algures fala-se na eventualidade de termos 4 milhões de turistas em que 1 milhão estaria na Boa Vista e no Sal, 1 milhão em São Vicente, Santo Antão São Nicolau e outras ilhas. Santiago, as ilhas do sul acabariam por absorver 2 milhões de turistas se efetivamente implementarem um conjunto de atividades para materializar todo o esquema dos projetos aqui avançados. A ideia base seria: o turismo proporcionaria, não apenas na parte económica, os tais rendimentos, mas também teria uma ação no aspeto social e cultural. Portanto, eu penso que dentro desse quadro nós teríamos de ter em conta algumas iniciativas extremamente importantes. A questão ligada a formação, informação e comunicação. É uma matéria extremamente importante que não poderia passar despercebida para atingirmos esses objetivos. A requalificação dos espaços condizentes para poder ter a expansão. Ou seja, de locais para absorvemos os turistas que nós pretendemos. Não poderia haver uma extensão de turistas como pretendemos se não houver um trabalho bastante profundo da requalificação dos espaços que nós temos para além de termos a disponibilidade de recursos financeiros para o financiamento de projetos. Não tem cabimento estarmos a imaginar determinados projetos se não tivermos como obter os recursos financeiros para esses projetos. Naturalmente que há um outro trabalho a ser feito não menos importantes que é a sensibilização de famílias, para além dos líderes autárquicos e comunitários, para poderem dar corpo a toda essa pretensão que estamos aqui a apresentar.

A ilha de Santiago tem uma projeção enorme a nível do turismo sem por de lado a questão levantada aqui pelo Dr. Jacinto Santos.

José Domingos Andrade

O turismo constitui e vai-se constituindo para muitos países um pilar de desenvolvimento. Para Cabo Verde tem de ser considerado. Pode não ser considerado o principal, mas tem de ser levado em devida linha de conta. Muitos países com características idênticas ao nosso acabaram por alavancar o seu desenvolvimento através do setor turístico. Temos de atacar as nossas fragilidades de uma forma desapaixonada. Identificar as fragilidades que constituem empecilho no desenvolvimento dos nossos potenciais turísticos. Temos de criar condições para aproveitarmos de uma forma real as nossas potencialidades.

Paula Almeida (*Administradora do Grupo Ilha Verde*)

Em fora como estes fico aflita quando as pessoas colocam a agricultura de parte. Aconteceu na ilha do Maio e intervim por três vezes para defender o desenvolvimento agrícola em Cabo Verde. Israel não tem água. Fui lá e fiquei espantada com o desenvolvimento da agricultura. O desenvolvimento do país faz-se à base da agro-indústria e agronegócio. Fico preocupada e triste quando vou para a ilha da Boa Vista e do Sal e a manga que eu como vem do Brasil, Paraguai, o peixe vem da China. Em Cabo Verde temos mar e temos terra. Os produtos agrícolas que saem de Santiago para o Sal são vendidos a uma operadora estrangeira que coloca um selo como um produto *made in* Espanha ou Itália. Acho que se deve fazer um estudo, incluindo o turismo e a agricultura.

Alecson Cardoso (*Guia*)

É possível sim, que Santiago desenvolva através do turismo. Ainda mais se pensarmos que o turismo é um setor transversal. Para que o turismo se desenvolva temos de ter o setor das pescas, da agricultura e pecuária bem organizado. Santa Cruz é a galinha dos ovos de ouro aqui na ilha de Santiago. Em Santa Cruz há uma fantástica agregação de todas as verdadeiras potencialidades da ilha de Santiago. As montanhas, as ribeiras, praia de areia negra e os pássaros são elementos que poderíamos estar a potencializar para desenvolver um turismo ecológico bastante rentável por toda a ilha.

Cesário Varela

Em Cabo Verde temos que necessariamente, regionalizar o turismo. Pensar o turismo numa perspetiva regional. O turismo em Cabo Verde tem de ser discriminatório. Nem todas as regiões têm de contribuir com as mesmas coisas. Cada um contribui com o que tem de potencial para oferecer ao turista. Proponho que se pense o turismo na perspetiva regional para que possamos planejar localmente, regionalmente e fazer uma integração das regiões para que o turismo ascenda ao grande desígnio nacional.

Franklin Ramos

O que me deixou preocupado é que não se falou quase nada sobre questão de segurança. Nós entendemos que o turismo exige muito que tenhamos segurança. Temos de trabalhar para diminuirmos a questão de delinquência.

Herménio Fernandes (*Presidente da Câmara Municipal de São Miguel*)

Queria por a tónica sobre três questões importantes sobretudo no que diz respeito a responsabilidades dos municípios. Tenho para mim que há três coisas essenciais para garantirmos as atratividades para a ilha de Santiago, embora a Praia já tenha dado passos seguros neste sentido, que tem que ver com a valorização do território, a valorização ambiental, a valorização do património histórico e cultural. Praticamente em todos os municípios temos desafios a esse nível. A requalificação urbana é um dos calcanhares de Aquiles de todos os municípios com a exceção da Praia. Se não qualificarmos as nossas cidades, nas vilas e aldeias que existem não há turismo. Sem atratividades não seremos visitados, não seremos procurados por ninguém. Acho que uma das grandes questões que os municípios devem focalizar é a da requalificação urbana. Ou seja, a qualificação do território. Se os ecoturistas procuram Santo Antão é porque têm bons caminhos vicinais com qualidade e segurança, e não procuram Santiago. Nós não temos caminhos vicinais. Não podemos ser procurados nessas condições. Eu diria também em relação ao ambiente. Basta ver as nossas cidades, o sistema de recolha dos resíduos, os animais soltos. Na questão da valorização do território temos as sinalizações. Temos vários patrimónios históricos por toda a ilha de Santiago mas não estão valorizados, outros nem sequer estão sinalizados. São desafios de imediato, senão não podemos competir com outros destinos.

O apelo que tenho para os municípios é: temos de fazer a nossa parte que é requalificar, tornar as nossas cidades bonitas, vilas e aldeias limpas, organizadas, sinalizadas, por os códigos de posturas a funcionar. Não podemos estar a procurar parceiras sem fazer aquilo que nos compete.

Manuel Olímpio

Depois da apresentação dos painéis dá para concluir que a ilha de Santiago tem todas as potencialidades para desenvolver o turismo melhor que quaisquer outras ilhas de Cabo Verde. Nós temos de ser ousados e levar esse desenvolvimento para a frente. O desenvolvimento do turismo arrasta consigo o desenvolvimento dos outros setores da economia. O desenvolvimento do turismo constitui um mercado para o escoamento dos produtos agrícolas, pecuários e de pesca. Tendo infraestruturas hoteleiras na ilha vamos ter a possibilidade de desenvolver outros setores. Teremos mercado garantido para escoamento de produtos.

Falamos do turismo e esquecemos da parte fundamental que é a educação. Temos muitos planeamentos sobre o destino turístico de Cabo Verde, há muitas informações, mas há um detalhe que nos falta. Nós não temos livros. Em todas as bibliotecas, quer municipais quer nacionais, há uma carência de livros sobre o turismo. Estamos a falar de um planeamento. Planeamento esse que pode causar grandes problemas. Temos o caso da ilha do Sal. Um mau planeamento fez com que a ilha seja uma ilha turistificada. Os valores daquela ilha perderam-se. Eu apelo à Direção-Geral do Turismo, as Câmaras Municipais capacitarem mais os técnicos de turismo.



APRESENTAÇÕES tarde



PAINEL 2: Turismo Urbano, Histórico-Cultural e de Negócios

Moderador: Eugénio Inocêncio



Hamilton Jair Fernandes

PATRIMÓNIO HISTÓRICO-CULTURAL E O TURISMO NA ILHA DE SANTIAGO

- Duas faces para a valorização sustentável do território.
- Em termos filosóficos, toda a prática turística é cultural.
- Turismo proporciona trocas culturais em experiências pessoais.
- Turismo gera fundos para conservação do património, educação da comunidade e influência nas políticas.
- Património natural e cultural são atrações turísticas e fonte de benefícios para as populações.
- O património cultural impacta o desenvolvimento local através do turismo, vincando a identidade, enriquecendo a cultura, gerando educação, inclusão social, cidadania, autoestima, e é um ativo económico que desenvolve o território;
- Os 3 pilares da sustentabilidade no património:
 - Cultural (memória, simbolismo);
 - Social (identidade, representatividade);
 - Económico (impulsionador de negócios, fonte de receitas).
- Qualitativamente, a sustentabilidade gera na população:
 - Inclusão social;
 - Educação;
 - Acesso;
 - Sentido de pertença;
 - Autoestima.
- Quantitativamente, a sustentabilidade implica:
 - Mais e melhor turismo;
 - Promoção turística dos destinos e produtos;
 - Empreendedorismo cultural;
 - Marca do território.





- Números do Turismo:
 - 644.429 entradas e 4.092.429 dormidas em 2016, uma progressão homóloga de 13,2% e 10,3% respetivamente;
 - Sal e Boa Vista absorvem a quase totalidade do turismo (91% das dormidas e 77% das entradas, em 2016);
 - Santiago recebeu em 2016 apenas 11,2% dos visitantes;
 - O turismo cultural gerou 500 milhões de viagens (70% do mercado global do turismo) em 2016 (OMT).
- Os museus são uma importante parcela nas motivações do turismo cultural.
- Em Cabo Verde cerca de 10% dos turistas afirmam ser motivados pela nossa cultura, aparecendo a Cidade Velha, o *plateau* da Praia e o mercado da Sucupira citados entre os maiores atrativos.
- Turismo religioso (peregrinações, romarias, retiros, visita a espaços e monumentos religiosos...)
 - Em Santiago destacam-se as festividades de Santo Amaro Abade, Santa Catarina, São Lourenço, Santíssimo Nome de Jesus, São Miguel Arcanjo, Santiago Maior, Nossa Senhora da Luz e Nossa Senhora da Graça.
- A Cidade Velha teve um *boom* de visitas após ser declarada património da humanidade, com mais de 100 mil visitantes/ano.
- Resultados de um estudo sobre a Cidade Velha como destino Turístico. Conclusões principais:
 - Fazer inventários de recursos patrimoniais;
 - Articular o Turismo com o Património;
 - Inclusão das comunidades na elaboração dos planos;
 - Criação de roteiros culturais temáticos;
 - Aposta no turismo doméstico;
 - Adequação das infraestruturas locais à demanda turística;
 - Formação de técnicos de turismo;
 - Sensibilização permanente da comunidade.

José Maria Semedo

PERSPETIVAS DE TURISMO CULTURAL NA ILHA DE SANTIAGO

- Quer-se um turismo relacionado com a vivência do património histórico e cultural, material e imaterial.
- Experienciar determinados eventos históricos, preservando a sua integridade.
- Entender e aprender os locais visitados, em experiências participativas, contemplativas e de entretenimento.
- Sítios-património (natural, cultural, e lugares de memória).
- Cientistas e navegadores estiveram em Santiago e deixaram testemunhos sobre a ilha.
- Eventos científicos e culturais.
- Manifestações festivas e festas populares.
- Produtos.
- Mercado.





Herminaldo Brito

TURISMO DE CONFERÊNCIAS E DE NEGÓCIOS – MICE

- Objetivos da apresentação:
 - Analisar as perspectivas de desenvolvimento deste produto em Santiago;
 - Desenvolver consensos entre os *stakeholders* sobre este produto.
- Infraestruturas hoteleiras e de lazer em Santiago para este produto.
- Cabo Verde ocupa o 83º lugar no *ranking* da competitividade global.
- O setor CONFERÊNCIAS E NEGÓCIOS representou (em 2014) apenas 8,1% da contribuição do Turismo para o PIB.
- Cabo Verde não aparece no top 15 de países africanos que albergam encontros internacionais.
- Segmentos dos MICE (incentivos, congressos, convenções, eventos sociais, promocionais...).
- Tipologia de instalações e espaços por segmento de mercado (*meetings*, desportos, outras *performances*).
- Fatores que influenciam a escolha de um destino MICE (variam de região para região, sendo o custo o mais significativo e constante).
- Número de participantes por tipo de evento (os mais comuns variam entre 40 e 450).
- Tipologia de instalações e espaços (o “venue” mais utilizado é o hotel urbano).
- Principais *players* no Turismo de Negócios (clientes, fornecedores, intermediários, patrocinadores).
- O Turismo é responsável em Cabo Verde por 35,8% do emprego e 22% do PIB (2014).
- Entre 2015 e 2025 espera-se um crescimento médio da economia de Cabo Verde de 6,1%.
- Na Praia, mais de metade do mercado de eventos é ocupado por reuniões corporativas, seguindo-se os eventos festivos e, a grande distância, os encontros técnicos; os encontros internacionais representam menos de 1% do volume.
- Ordenamento Turístico do PD da Prainha.





DEBATES
tarde



Eugénio Inocêncio (*Moderador*)

O que é o turismo? Será que um país pode fugir ao turismo? Será que Cabo Verde pode fugir ao turismo? Penso que Cabo Verde andou muito tempo a fingir o turismo. O turismo não é mais do que uma resposta do interior do ser humano e é um impulso para mobilidade. Se não fosse esse impulso não estaríamos aqui hoje. A humanidade se calhar teria desaparecido. Como sabem a origem da humanidade é no sul da África segundo os estudiosos. Um pouco a sul de Angola. Respondendo a esse impulso intrínseco deslocaram-se para o norte da África e depois atravessaram a zona onde hoje é Arábia Saudita, chegaram à Europa e seguiram para o Oriente e posteriormente as Américas. Esse impulso é suficientemente forte para podermos dizer que quem define o turismo não somos nós em Cabo Verde. São os outros que estão fora. E nós pertencemos a esse processo de definição de turismo nos outros países. Não são eles que definem o turismo. Somos nós. São os vizinhos que determinam o turismo. Nós durante muitos anos tentámos fingir esse processo profundo do ser humano. Tentando impedir o turismo em Cabo Verde. E qual foi a resposta do resto do mundo? Fintou-nos a nós e criou um turismo que não é o mais desejável nas ilhas do Sal e da Boa Vista. Pior um pouco para a Boa Vista. Hoje, o que a Boa Vista tem, para mim é resultado de um crime demográfico. Uma ilha que há 10 anos tinha cerca de 3 mil pessoas, hoje tem cerca de 14 mil pessoas. Ou seja, os boa-vistenses são minoria na sua ilha. O que é um absurdo. E admite-se que os projetos que se tem em carteira na Boa Vista vão levar a população nos próximos 5 anos para cerca de 28 mil residentes. É um absurdo. Será que queremos esse absurdo para a ilha de Santiago? Penso que não. Para mim a ilha de Santiago é a ilha com o maior potencial turístico em Cabo Verde. E esse potencial turístico não é para amanhã. É para hoje. O que é que nos falta? Disse e bem o meu amigo João Cardoso. O grande problema em Cabo Verde e nomeadamente na ilha de Santiago é a organização. Mais nada. Nós temos tudo aqui. É evidente que temos uma série de problemas para resolver. O senhor presidente da Câmara de São Miguel referiu-se a um deles. A requalificação urbana, formação profissional etc. A questão não são os problemas, mas sim a nossa capacidade de organização para enfrentar esses problemas. Organizemo-nos hoje, teremos turismo hoje. Um grande desafio que se põe. As pessoas falaram na agricultura e no turismo. A resposta é organização. Organização de centrais de compras. Santiago pode ter duas centrais de compras. Uma na Praia e outra provavelmente no porto que se construirá aqui em Pedra Badejo. Para termos a capacidade de agarrar todos os problemas, articulá-los e resolvê-los. Devemos criar Sociedades de Desenvolvimento Regional em todas as ilhas. Em Santiago duas. Há quem diga três. Mas digo pelo menos duas. Uma para parte sul da ilha (Cidade Velha, Praia, São Domingos), e outra que apanha o centro e o norte da ilha. Uma organização mista onde está o Governo, as câmaras municipais e os privados desde o início. Os privados nacionais e os privados internacionais que queiramos atrair para Cabo Verde. Organização é o ponto de partida. Enquanto não formos capazes de agarrarmos essa organização e fazê-la funcionar, vamos continuar de ano a ano em cada Mesa Redonda a repetir as mesmas coisas. Esta ilha tem um potencial enorme. Nós a nível de Câmara de Turismo temos andado a ilha toda a fazer reuniões com os presidentes das Câmaras, com as vereações de todos os municípios. A conclusão é a mesma. Temos as condições para fazer o turismo de altíssima qualidade na ilha de Santiago. Não precisamos ficar à espera de seja o que for. Falta-nos uma coisa: a organização. Através da organização trazer a outra coisa que nos falta: dinheiro. Onde se vai buscar? Lá fora aos mercados internacionais de capitais. Temos uma coisa valiosíssima aqui em Cabo Verde para dar como garantia: os terrenos. Alguns deles em ZDTIs, outros que não estão organizados em ZDTIs, mas são terrenos ótimos para implantar empreendimentos turísticos. Organizemo-nos. O Governo está meio dividido entre como é que as sociedades vão ser. Há pessoas que dizem que deve ser só o Estado (Câmaras Municipais e o Governo), privados virão depois. Aquela ideia errada que faliu na Boa Vista e no Maio, STDIBM. Os privados devem estar desde o início. Nomeadamente os privados nacionais. É preciso reservar nessas sociedades uma parte do capital para serem subscritos pelos nacionais. Se não tiverem dinheiro para o imediato realizam depois mas devem estar desde início nessas sociedades.

João Cardoso (*Docente Universitário*)

Ouvi com muita atenção a apresentação do Hamilton Fernandes. Estive a pensar em duas coisas: o tangível e intangível. A Cidade Velha como tangível ou material. E também pensei no imaterial. O turismo de cultura. Se calhar nós temos de apostar fortemente no intangível. Em termos de património material temos pouca coisa. Falamos na rota dos escravos. O que o turista aprecia muito no cabo-verdiano é a sua cultura. Devemos valorizar a cultura cidadã. Santiago é uma grande ilha e tem uma grande potencialidade. Temos de pensar grande a ilha de Santiago.



Carlos Jorge dos Anjos (*Diretor Geral do Turismo*)

Falou-se do porquê do plano estratégico no horizonte 2030. Como sabem o ano 2017 foi declarado pela Organização Mundial do Turismo como o ano do turismo sustentável. A nível mundial foi recomendado aos países para fazerem planos de turismo sustentáveis no horizonte 2015/2030. Eu senti aqui alguma crítica em relação a este período ser muito longo. Mas a ideia é o plano apresentar as grandes opções do desenvolvimento sustentável do turismo em Cabo Verde nesses 15 anos. Deste plano saem planos quadrienais ou plurianuais. São planos de ações e para além desses planos vamos ter planos de atividades. O facto de estamos aqui a recolher os subsídios é porque queremos que todos os *stakeholders* possam dar contributos para este plano. É um plano que vamos ver a sua efetividade no território e queremos um envolvimento muito forte dos municípios na implantação desse plano estratégico. Vamos fazer conjuntamente com este plano estratégico (já lançámos os termos de referência), um *marketing assessment*. Vai-se fazer uma análise do mercado atual para termos um ponto de partida para vermos onde queremos estar em 2030. Qual será a capacidade de carga? Queremos 4 milhões de turistas? O que fazer para lá chegar? Outra questão de que se falou é a questão da agricultura. Nós, de facto, teremos cada vez mais um mercado agrícola crescente para os nossos produtos agrícolas cabo-verdianos. Mas é preciso ter uma certificação. Temos a questão das ligações marítimas inter-ilhas. Há um projeto de subsidiação do transporte inter-ilhas para garantir a unificação do mercado nacional, nomeadamente o transporte de produtos entre ilhas e com destino às ilhas turísticas. Outra questão que aqui se falou foi a requalificação urbana municipal e a requalificação das cidades turísticas. A maior parte do Fundo de Turismo está destinada aos municípios para que possam fazer essa requalificação e tornar-se atrativos para o turismo. Também estamos a atacar a vinda de companhias aéreas *low cost* para Cabo Verde. Os Açores em pouco anos triplicaram o seu número de turistas só com a entrada de *low cost*.

Clara Marques (*Diretora do Museu de Educação*)

Os oradores fizeram uma explanação muito brilhante relativamente ao turismo cultural. E o Museu da Educação encontra-se dentro desse âmbito. Nós temos que diversificar o nosso produto turístico como já se falou aqui de manhã. Não é só sol e mar e as zonas de reservas, parques naturais e jardins botânicos, mas também falou-se um bocadinho do museu da resistência. Mas eu vi que o Dr. Hamilton falou mais dos museus públicos e não falou das iniciativas privadas que neste momento já começaram a aparecer. Por exemplo o caso do Museu da Educação, que já está na Praia desde 2009, é também um ponto turístico visto no sentido de uma rota turística. Além disso, há muitos outros como a Sala de Música Amílcar Cabral, temos exposição permanente na Presidência da República, a Casa de Memória na ilha do Fogo. Portanto, estão a surgir algumas iniciativas privadas que poderão ser produtos turísticos para podermos diversificar um pouco, porque o museu ao fim e ao cabo é um produto turístico cultural, mas ao mesmo tempo de conhecimento e de história não só apenas para os turistas mas também para os nacionais, como podemos ver na requalificação de alguns equipamentos culturais que existem.

Orlando Mascarenhas

Os conferencistas, porque nos trouxeram aqui, digamos, informações muito importantes, seja a nível do turismo cultural e religioso, a nível também, dos conhecimentos culturais aqui avançados pelo Dr. José Maria e também a própria proposta de Turismo de Conferências, de Negócios e também de Eventos. Mas eu retomaria a minha intervenção anterior, para dizer que afetivamente o Turismo tem uma potencialidade bastante grande, particularmente aqui para as ilhas do Sul, e de Santiago em particular, mas teremos necessidade de fazer um trabalho profundo a nível de motivações, e como se disse também aqui, a nível de organização. Portanto quero dizer que o problema de motivação, o problema da organização, constituem elementos muito importantes para levarmos avante aquilo que já se decidiu. Porque parece-me que há uma decisão clara quer a nível governamental, quer a nível também dos Municípios, de se abarcar o Turismo.

Mas, digamos paralelamente a essa decisão, há medidas de política que têm que ser tomadas para podermos concretizar, aquilo que já é uma decisão, porque pensamos que a questão da formação, da informação e da comunicação, são elementos importantes.

E também como já se disse hoje de manhã, há outros aspetos muito importantes que vale a pena começar a serem tratados desde agora, para atingirmos aquilo que nós estamos a pretender. O problema de que se falou de manhã. O problema de segurança, de saúde. O problema da criação de condições para que o



turismo possa, de facto, gerar empregos. São elementos extremamente importantes, que eu penso dessa mesa redonda deverão sair recomendações muito concretas para não ficarmos com mais uma reunião, mais uma mesa redonda, e depois não termos resultados concretos do trabalho que se está fazendo aqui. Queria apenas deixar estas recomendações para que efetivamente desta mesa redonda saiam recomendações muito concretas que levem de facto o governo, os municípios e também o sector público/privado a assumirem responsabilidades para darem continuidade ao resultado desta mesa redonda.

José Belmiro Fonseca (*Vereador da Câmara Municipal de Santa Cruz*)

Eu creio que a minha questão, eventualmente possa estar fora do âmbito desta discussão. Mas vem na sequência da intervenção do Sr. Ministro no ato da abertura. Falou da possibilidade da criação da Sociedade de Desenvolvimento Turístico a nível de Santiago e também na linha daquilo que o Sr. Eugénio Inocêncio acabou de falar há momentos de um modelo relativamente mais amplo que tem a ver com Sociedades de Desenvolvimento Regionais. A minha pergunta é se já há um consenso de que tipo de sociedades estaremos a falar. Se estaremos a falar das sociedades turísticas na linha daquilo que existe para Sal e Boa Vista ou se estaremos a falar das sociedades regionais para Santiago.

Alecson Cardoso (*Guia Turístico*)

Na apresentação do orador Hamilton Fernandes, apareceu no painel um mapa que descrevia as principais atrações, os principais locais que estão a ser visitados de momento. Gostaria de realçar que Santa Cruz, tendo em conta que sou nativo, gostaria de indicar alguns pontos que seria de bom-tom se investisse mais no turismo-cultura. Isto porque em Santa Cruz existem figuras proeminentes de nível nacional, se calhar até internacional em alguns casos. Isso para dizer que já não podemos adiar a construção de um museu ou casa da cultura que englobasse, que albergasse figuras como Katchás, Nha Nácia Gomi, Antão Barreto, Sema Lópi, mas sobretudo a Élda Almeida e muitas outras figuras que estão a emergir um pouco por todos os cantos de Santa Cruz. Sem deixar de mencionar as festividades de Nhó Santiago Maior, por si só já uma grande atração e em especial o Festival de Areia Grande que mobiliza milhares de pessoas. Tudo isso, certamente seriam fatores de geração de rendimento com uma boa organização. Mas também a parte dos artesãos. Temos um leque variado de artesãos, nomeadamente, Stive Espírito Santo, Da Graça, Vadinho, Anilton e muitos outros. Em Santa Cruz existe potencial, existem *stakeholders* neste ramo. A minha intervenção é no sentido de apelar, de lançar o repto à autoridade local e central para materializarmos um museu aqui em Santa Cruz para que possamos existir e fazer parte desta rota do turismo cultural. Proponho a criação de um festival de caldo de peixe que muito se identifica com o nosso município e toda a ilha de Santiago. E também pensar na possibilidade de um museu ou de um ponto de observação da pesca artesanal.

Eugénio Inocêncio

O turismo é algo da maior importância para o desenvolvimento, inclusive cultural, dos países. E consegue conciliar uma série de objetivos. Neste caso concreto é o objetivo da justiça relativamente aos nossos artistas e simultaneamente um produto turístico capaz de gerar rendimento. Em relação à questão colocada pelo vereador. Eu posso dizer que da minha parte vou lutar com muita paixão pelo modelo em que eu acredito. Sociedades de desenvolvimento regionais abertas ao público, abertas à participação pública e à participação privada. A ideia da reprodução da STDIBM, é uma ideia perigosa e grave que desvia conhecimento, meios e principalmente ilude expectativas de desenvolvimento. É uma ideia errada. Eu pessoalmente, vou continuar a lutar contra essa ideia e a favor de sociedade de desenvolvimento regional. Qual será o resultado? Não sei.

Pedro Soares (*Presidente da Câmara Municipal do Tarrafal*)

Falou-se muito na questão da organização, da planificação. Aproveito para dizer que no nosso concelho já identificámos o terreno e neste momento está-se a emitir a planta de localização. Trata-se de um terreno com cerca de 1500 hectares com o propósito de num curto espaço temporal abastecer o hotel do ilhéu de Santa Maria. Em Cabo Verde relativamente ao turismo só falta referendar o turismo. Como disse e bem o Sr. Inocêncio é começarmos já. Temos que levar o turismo às escolas. Ou seja, educar para o turismo. Se no passado assumimos a agricultura, a pesca, a pecuária como grande alavanca do desenvolvimento do país, creio que a partir da década de 70/80 o turismo veio ao de cima. Em termos de adjetivação já se disse tudo. É motor, é alavanca, enfim. Falta educarmos a geração atual e as gerações vindouras para o turismo.



Se a meta é 2030, feitas as contas, 2017 a 2030 são 13 anos. Dá para completar o ciclo educativo. Creio que paralelamente à planificação e organização falta assumirmos o turismo no nosso *curriculum* educativo, como verdadeiro desígnio nacional. Falou-se também do diagnóstico, da informação, do *marketing*, ou seja, vender aquilo que é nosso. É um pequeno reparo. Tenho em mão um guia turístico, edição recente, 2016, com 300 páginas, em crioulo, em inglês e em português. Da primeira à última página não aparece o ex-campo de concentração do Tarrafal enquanto património nacional que faz parte da lista indicativa da UNESCO e espero que nos próximos anos venha ser património da humanidade.

Eugénio Inocêncio

Eu acho que vou introduzir uma questão que penso que é da maior importância. E está ligada à cultura ao fim ao cabo, mas que diz respeito a como é que o cabo-verdiano vê o turismo. Aqui há uma coisa muito curiosa. Nas ilhas onde não há turismo, as pessoas estão a ver o turismo com grandes expectativas positivas. Na semana passada estive com uma delegação da Câmara de Turismo na ilha de São Nicolau. Há uma grande expectativa em relação ao turismo. Há dois meses estivemos em Mesa Redonda em Santo Antão. Grande expectativa em relação ao turismo. Aqui em Santiago também podemos constatar isso. Não são só as autoridades, as câmaras municipais, os vereadores, as pessoas de uma forma geral, as pessoas comuns. Agora pergunto: e como é que as pessoas do Sal e da Boa Vista olham para o turismo? Com uma grande desconfiança. Para as pessoas do Sal numa forma geral o turismo é uma coisa má. Para as pessoas da Boa Vista o turismo é uma coisa péssima. E porque é que isso acontece? Porque há dois tipos de turismo de facto. Num extremo está um tipo de turismo que se desenvolveu no Sal e na Boa Vista. À margem das pessoas, das populações, dos empresários locais que apanham uma pequena franja das oportunidades de negócios, em que a maior parte da população acaba por ser assalariada. O grosso da oportunidade de negócio passa ao lado. O Diretor referiu uma iniciativa, parece boa, que é a de um promotor de um grande projeto na cidade da Praia; que encarregou um empresário de comprar uma grande faixa de terreno para produzir os produtos agrícolas. Ele vai precisar quando estiver a funcionar... é evidente que em si não é bom nem é mau. Agora, se simultaneamente não estiverem a ser criadas condições para permitir aos nossos agricultores, aos nossos pecuaristas, aos nossos pescadores venderem os seus produtos às nossas unidades turísticas, não tenho a mínima dúvida de que daqui a 5 anos ou 10 anos se fizermos um inquérito no seio da população de Santiago vão dizer o turismo é uma coisa má. À semelhança do que está a acontecer no Sal e na Boa Vista. Vejam o seguinte, eu tenho como parceiros, americanos. Estamos a desenvolver um projeto naquela zona entre a Praia e Cidade Velha. Imaginem que os meus parceiros americanos me dizem. Vamos comprar uma grande propriedade, 1500 hectares e vamos produzir as nossas mangas, as nossas papaias, tomates que precisarmos, as couves. Que coisa é esta? Nós estamos a trazer uma oportunidade de negócio para os cabo-verdianos aproveitarem o mínimo? Isso é errado. É profundamente errado. E as autoridades? É evidente que não estou a propor que se proíba a compra desses terrenos. Não estou a propor que se proíba o desenvolvimento de uma grande propriedade agrícola. Eu acho que Cabo Verde tem todas as condições para ser exportador de produtos agrícolas. Por onde podemos começar? Para exportação aqui dentro. Para os hotéis, nomeadamente os do Sal e da Boa Vista e amanhã os que vão nascer na ilha de Santiago. Mas que sejam os nossos produtores que neste momento são os nossos agricultores. Que apanhem o principal dessas oportunidades. Para exportar vamos fazer um treino exportando aqui dentro. Paula Almeida deu exemplo de Israel mas eu posso dar exemplo do sul de Espanha. O sul de Espanha tem quilómetros e quilómetros de estufas e é um dos grandes abastecedores do norte da Europa e do Médio Oriente. Neste momento o Egito domina o mercado mundial da batata inglesa. O Quênia é um grande fornecedor internacional de produtos agrícolas. E são essencialmente pequenas produções. O que é que fizeram? Organizaram a central de compras que ajuda o agricultor a melhorar a sua produção e que depois define os preços ao longo do ano e compra a quantidade para abastecer os mercados. Eu tenho estado a dizer que a primeira coisa que o governo deve fazer é pagar uma semana de férias aos seus técnicos do Ministério da Agricultura, dos técnicos ligados à criação de gado e às pescas, nos hotéis do Sal e da Boa Vista para verem a quantidade de couve-flor, batata, cenoura, tomate e etc. que por dia aqueles hotéis de mil quartos fornecem aos seus clientes e organizem a distribuição para colocarem esses produtos lá. Por ano aqueles hotéis estão a importar cerca de 60 milhões de euros em produtos agrícolas. O que é que as nossas autoridades estão a fazer? O senhor Diretor-Geral anda a dormir ou quê? O que é que andam a fazer? Isso deveria ser as prioridades das prioridades. Se nós não formos capazes de organizar a distribuição dos produtos nesses



hotéis não tenho a mínima dúvida de que todos os grandes hoteleiros deste país vão seguir este exemplo. Vão comprar 1000 hectares aqui, 500 hectares acolá etc. Vejam o caso do Sal. O Sal que essencialmente é um comprador fora do país. Foi inaugurada há coisa de três meses, uma grande ETAR em Santa Maria que produz uma quantidade de água impressionante que se não fosse preconceito, o ser humano podia beber. O que é que estão a prever, a programar fazer no Sal? Um *master plan* de organização de aproveitamento daquela água, vai passar por produção em estufas de tomate, cenoura, repolho, etc.. Temos de acordar senhores presidentes das câmaras e fazer pressão para que isso avance.

Carlos Jorge dos Anjos (*Diretor-Geral do Turismo*)

Primeiramente, eu vou falar dos guias. Todos os guias produzidos sobre Cabo Verde são feitos por empresas privadas. Este guia é feito pela Directel que pertence às Páginas Amarelas portuguesa, e temos guias produzidas por Lonely Planet, Tripadvisor, por várias empresas internacionais. Não há uma intervenção da Direção-Geral do Turismo. Estamos a pensar numa forma de ter guias com selo de qualidade do nosso Instituto de Qualidade e aí sim podemos ter algum controlo de qualidade. Podemos só certificar os guias que reflitam a realidade correta do nosso turismo em Cabo Verde. Em relação à questão agrícola temos vários desafios. Um é a questão dos transportes marítimos, a possibilidade de colocar os produtos nos hotéis do Sal e da Boa Vista. Outra questão que se põe é a certificação de qualidade. Similarmente ao que está a acontecer em relação as questões dos terrenos. Os hotéis do Sal e da Boa Vista trouxeram os seus fornecedores. Quando a cadeia Riu entrou em Cabo Verde trouxe a Emicela. Fez um armazém de 1600 m² na ilha do Sal e na ilha de Boa Vista para mais trazem todos os produtos, das Canárias, e depois colocam no hotel. A Emicela por seu lado já compra alguns produtos cabo-verdianos e coloca nos hotéis. Nós já falámos com a empresa, no entanto a questão que se põe é a certificação dos produtos. O Instituto da Qualidade já tem um regulamento e leis que dizem respeito à certificação com selos de qualidades cabo-verdianos. Isso é um processo que leva o seu tempo, mas penso que brevemente poderemos ter produtos cabo-verdianos certificados para colocar nos hotéis da Boa Vista e do Sal. Também há todo um processo de capacitação, de certificação dos nossos produtores agrícolas para que possam ter produtos com a qualidade necessária. É um processo que não acontece automaticamente. Leva o seu tempo, mas é algo que está na forja, em *pipeline* para ser implementado. Em relação ao Sal temos o segundo homem mais rico do Gana que está com uma experiência piloto na ilha do Sal de dessalinização de água para produção agrícola para exportação para Europa. Há muita potencialidade que possa ser aproveitada. É um projeto que está em curso neste momento e diz respeito a agricultura biológica.

Paula Almeida (*Administradora do Grupo Ilha Verde*)

O jovem disse que o roteiro dele termina no Tarrafal. Mas ele esqueceu-se do nosso concelho de São Domingos. O concelho de São Domingos tem no litoral mais dois pontos turístico, designadamente a Capela de Nossa Senhora e a Baía de Alcatraz. Uma baía que eu adoro desde criança. Eu acho que ele deve levar lá os nossos turistas porque faz parte da nossa história. Dou os parabéns ao professor José Maria Semedo por ter apresentado aqui parte da nossa história que poucas pessoas conhecem aqui em Cabo Verde. Muito pouca gente sabe da Baía de Alcatraz e que Alcatraz foi a segunda cidade de Cabo Verde. Em termos dos transportes marítimos, a ilha do Sal e a ilha da Boa Vista recebem todas as semanas (4 vezes por mês), do Barco Nhô Padre Benjamim (com capacidade para 350 contentores), cerca de 60% daqueles contentores vão com produtos agrícolas *made in* Santiago. Saídos das ribeiras do norte de Santiago (Santa Cruz, Santa Catarina, São Miguel, Tarrafal, São Salvador do Mundo e São Lourenço dos Órgãos). Convido a todos para irem numa quarta-feira assistir ao processo de tratamento dos produtos a serem transportados. Os contentores foram feitos especialmente para garantir o melhor transporte desses produtos. Único problema é que quando chegarem a ilha do Sal vão vender a uma segunda pessoa. Eles não podem vender aos hotéis. A segunda pessoa vai vender a uma empresa que coloca o carimbo e vende aos hotéis. Quer dizer que os nossos irmãos estão a perder duas vezes. Mas em concertação com os presidentes das Câmaras estamos a tentar arranjar um centro de logística para formarmos os nossos agricultores e rabadantes e tentar certificar, com ajuda do meu amigo Diretor-Geral, os produtos agrícolas. Só que isso pode não chegar, mas temos um projeto além desse que é de ajudar os nossos agricultores a produzir mais e produzir por encomenda, para o desenvolvimento da nossa ilha e do nosso Cabo Verde. Cada vez que importamos estamos a tirar divisas.



CONCLUSÕES RECOMENDAÇÕES



1. **Santiago** é a única ilha de Cabo Verde que **congrega todas as potencialidades turísticas** do país;
2. Com efeito, a ilha possui um elevado potencial para o **turismo de natureza**, devido em certa medida ao interessante **património histórico, cultural, natural e paisagístico**.
3. A ilha conta com um valiosíssimo **património ambiental** consagrado nas áreas protegidas, bem como um vasto **património histórico-cultural e construído**.
4. A **orografia** da ilha e a espetacularidade das **paisagens** aportam um elevado interesse turístico, bem como a sua **cultura** traduzida em **festas populares, artesanato, produtos locais**, tais como **gastronomia** e produtos da **cana**.
5. Atendendo à **tranquilidade e singularidade do território** e das pessoas, a ilha deve **diversificar a oferta turística**, tornando-a diferenciada e complementar, promovendo o **turismo cultural, rural e o ecoturismo**, através da criação de um novo destino turístico com **rotas, programas e atrações** baseadas no **património histórico, natural e cultural**, e garantindo a **maturidade e preservação do território**.
6. É urgente a instalação de **infraestruturas** em falta, como **miradouros, caminhos vicinais** de acesso, **passadiços** nas zonas húmidas, **esplanadas, restaurantes**, pequenos **hotéis** temáticos, **centros de interpretação, quintas gastronómicas...**
7. Com a instalação de pequenas estruturas em falta Santiago dará um grande salto qualitativo na sua oferta turística, passando os operadores a poder criar um rica diversidade de **rotas e circuitos** (ribeiras, miradouros, música, engenhos e trapiches, frutos tropicais, buganvílias e acácias, artesãos, praias de aguada, festas de romaria, gastronómicos, etc...)
8. Criar novas **dinâmicas de turismo de base comunitária e rural** de qualidade, incentivando **empreendedorismo local** e criação de **emprego e consumo de produtos locais**.
9. É necessário desenvolver **programas que envolvam as comunidades rurais**, através da sua **auscultação** sobre a **criação de novos atrativos** em zonas rurais (**centros de interpretação, eventos, rotas sinalizadas**).
10. O Turismo tende a gerar em sociedades como a de Santiago **dinâmicas económicas, sociais, culturais e ambientais**, promovendo a **ecologia**, os **micro negócios**, o **microcrédito**, a **arte**, a **paisagem**, a **biodiversidade**, o **clima...**
11. É necessário **criar redes entre a sociedade civil** (associações, empresas, artesãos), **autoridades locais e comunidades rurais**, visando a divulgação de **iniciativas culturais/sociais/ambientais** e a oferta de **atrações e infraestruturas** turísticas.
12. Há que gerar **consensos** alargados, para que Santiago tenha um **turismo inclusivo e equitativo**;
13. Um profundo e abrangente **programa de planificação estratégica** contínua, flexível e integrada deve ser desenvolvido.
14. **Transformar desvantagens aparentes em vantagens competitivas**, por exemplo potenciando a **oferta balnear**, em complemento da oferta rural e de natureza, ou fomentando a oferta de **conferências e negócios**.
15. Deve-se desenvolver uma **oferta estruturada** entrosando produtos turísticos **tradicionais com novos**, tendo as **pessoas como centralidade**, numa lógica de **complementaridade entre municípios**, garantindo assim a **competitividade global da ilha**, assente no princípio basilar de que os **benefícios têm de superar os custos**.
16. Identificar e projetar os **clusters** que podem propulsar o turismo em Santiago (**agronegócios, negócios do mar, MICE, indústrias criativas, energias renováveis, saúde e bem-estar, turismo religioso, pesquisa histórica, indústrias e serviços da era digital...**).
17. Santiago tem potencial também para turismo ligado à **ciência e tecnologia**, quer através da **Universidade**, quer de **eventos MICE**, quer ainda da oferta de um produto hoteleiro dirigido à **reflexão e à pesquisa**.
18. O **intercâmbio de turistas com as populações gera cultura, conhecimento e tolerância** e incentiva a **inovação**, a **interculturalidade**, a **autoestima**, a **consciência identitária...**



19. O Turismo engendra **negócio, riqueza** para as famílias e comunidades locais, **empreendedorismo, emprego, investimento e fixa população**, ou atrai mesmo novos habitantes.
20. Entende-se que a **complementaridade estratégica** entre os concelhos da ilha, quando implementada, faz com que a ilha deixe de ser um destino adiado, **assumindo**, definitivamente, **o estatuto** que lhe é reservado de **destino cabo-verdiano mais completo e competitivo**.
21. Uma aposta efetiva no **desenvolvimento urbano e territorial** dos municípios deve ser assumida por todas as entidades públicas, locais e centrais.
22. **Desenvolvimento** sustentável tem que ser **durável, equitativo, distribuidor de riqueza, garantindo qualidade de vida e riqueza às populações**.
23. Apesar do **potencial** que encerra, Santiago, **representa pouco nas estatísticas** do turismo; uma situação a reverter.
24. A ilha precisa de impulsionar a **salvaguarda e dinamização sustentável dos recursos** endógenos do território, definindo e concebendo **estratégias de regeneração, valorização e dinamização** de ativos patrimoniais, por forma a **conciliar a conservação ambiental com o usufruto** pelas pessoas.
25. Tal como o país, a **ilha deve estudar, enquadrar e planificar as suas potencialidades turísticas**, no sentido de responder às seguintes questões: Quem somos? O que poderemos ser? O que queremos ser?
26. **Subsidiaridade e partilha** são pilares fundamentais do desenvolvimento, que só acontece com esforços conjugados de criação de **experiências participativas, contemplativas e de entretenimento**.
27. Há que tomar conhecimento e tirar ilações dos **inventários dos recursos patrimoniais e turísticos** dos territórios camarários, com vista à sua harmonização e valorização para o turismo.
28. A **agricultura, as pescas, o comércio, a indústria** e uma **boa organização** desempenham um **papel preponderante**, sabendo-se que com uma planificação e organização o dinheiro aparece;
29. Há que se desenvolver **maior articulação entre os setores do património cultural e o turismo**;
30. Os programas de **planificação** devem **incluir as comunidades** na elaboração dos planos setoriais, garantindo, entre outros recursos, a possibilidade de **pluriatividade** das populações, agregando por exemplo afazeres agrícolas com formação e turismo de habitação; estes programas devem incluir **planos operacionais, locais e regionais**.
31. Há que desenvolver o **turismo doméstico**, como forma de conhecimento do país pelos seus cidadãos e de os aproximar mais dos visitantes, através da sua própria vivência de experiências turísticas.
32. Há que desenvolver e promover a **marca Santiago**.
33. Desenvolver **formação contínua dos técnicos do turismo, do património e da comunidade**, aproveitando de todos os recursos (conhecimento, formação, tecnologia, inovação, valor acrescentado, planificação, integração) para uma capacitação endógena em falta.
34. **Formação, informação e comunicação** foram apontadas como os 3 pilares em que assenta toda a construção e desenvolvimento do Turismo Sustentado.
35. Ficou no ar uma questão fulcral no travejamento da organização da ilha para o turismo: **Sociedades de Desenvolvimento Turístico**, à semelhança da SDTIBM, ou **Sociedades de Desenvolvimento Regional**, escoradas em centrais de compras e em centros internacionais de negócios?
36. O escoamento da produção agrícola e/ou industrial entre as ilhas, com foco para o abastecimento para os hotéis, pressupõe uma **cadeia de distribuição mais ágil e equipada**, quer em **transportes intra e inter-ilhas**, quer em **cadeia de frio** apropriada, quer ainda em dimensionamento e qualificação na produção.
37. Outra questão recorrente assemelha-se ao dilema do ovo e da galinha: – Será a **economia rural** que potenciará o **turismo**, ou o turismo é que potenciará a economia rural ou a economia "tout court"? A resposta parece ser salomónica: **as duas se entrelaçam** em simultâneo.
38. A **segurança** é um pressuposto incontornável do desenvolvimento do turismo. É indispensável eliminar a delinquência.
39. As Câmaras Municipais assumem que a **requalificação urbana e territorial** é tarefa sua, urgente e basilar.
40. Os **museus**, quer públicos quer privados, são uma parte importante no conjunto de estruturas necessárias à criação de produto turístico com base histórica e cultural.



INTERVENIENTES NOS DEBATES



INTERVENIENTES NOS DEBATES



Alecson Cardoso



Arlindo Mendes



Armando Ferreira



Carlos Jorge dos Anjos



Carlos Silva



Cesário Varela



Clara Marques



Clemente Garcia



Daniel Medina



Fernando Olende



Franklin Ramos



Hamilton Jair Fernandes



INTERVENIENTES NOS DEBATES



Hernaldo Brito



Herménio Fernandes



Jacinto Santos



João Cardoso



José Belmiro



José Domingos Andrade



José Luiz Mascarenhas



José Maria Semedo



Manuel Leão de Carvalho



Manuel Olímpio



Mizá



Orlando Mascarenhas



INTERVENIENTES NOS DEBATES



Paula Almeida



Pedro Soares



Sidney da Silva

